

Guida Ferraz (Ana Margarida Ferraz)

Nasceu em Moçambique. Aos dez anos vai com a família para a Ilha da Madeira, aí ficando a estudar, depois a exercer a profissão docente, a criar e a expor, até ao ano 2000, quando vem residir para Lisboa. Ainda na Madeira fez formação superior em Artes Plásticas/Pintura, frequentou ateliers coletivos e participou em diversas atividades artísticas, no âmbito da dinâmica cultural insular.

A relação continuada e demasiado absorvente com ensino das artes não coartou em Guida Ferraz o ímpeto criativo, a prática oficial artística como forma de respirar fundo. Pelo contrário, agudizou esta necessidade e a conservação deste trilho como forma de vida. Nem a doença que nos últimos tempos vem fazendo parte da rotina dos seus dias a demoveu, embora tenha impedido a realização de algumas peças que tinha em mente. Ainda assim concretiza este projeto expositivo, inteiro e singular, intitulado “Agarro o Sol com as minhas Mãos”.

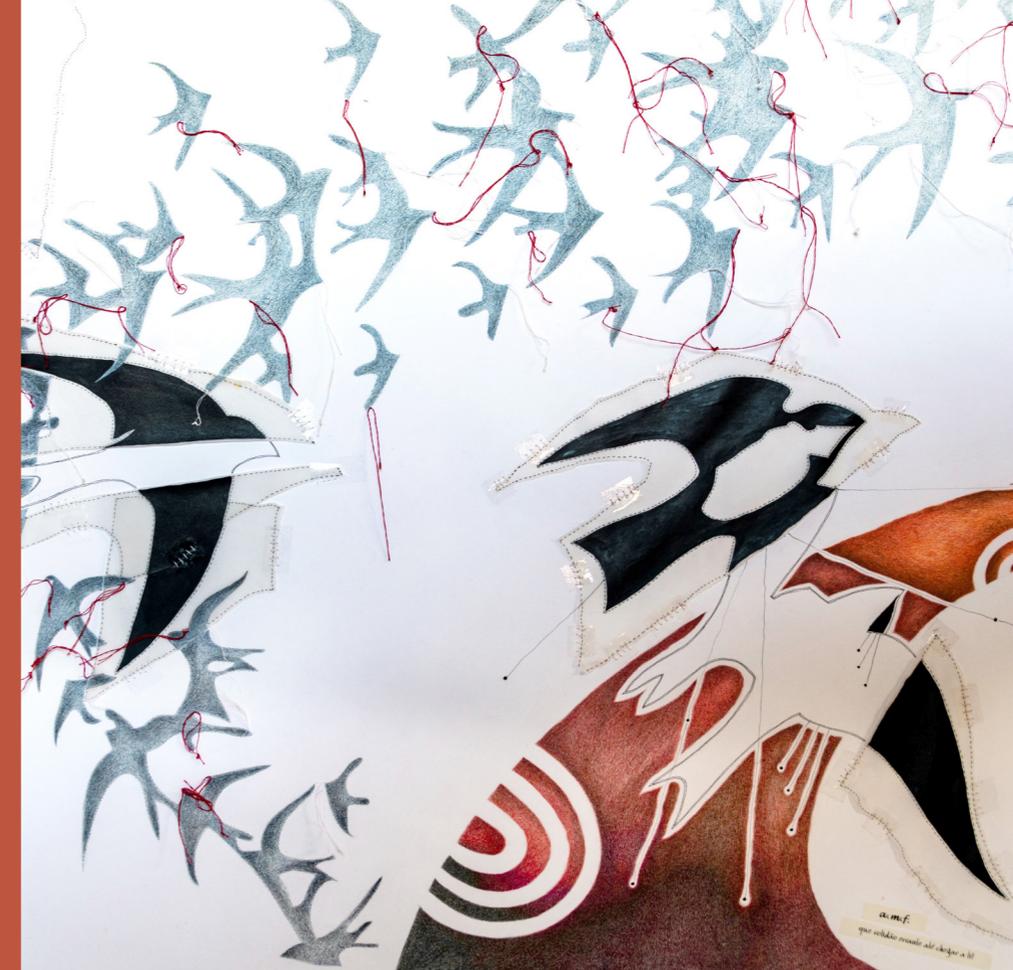
CAPA
[PORMENOR]
Que solidão errante até
chegar a ti... I
Mista (lápis de cor, papel
vegetal e linha de coser)
100x70 cm
2012

Ligações Fortes
cm-vfxira.pt



CENTRO CULTURAL DO BOM SUCESSO, ALVERCA DO RIBATEJO
Rua Fonte de São Romão, n.º 1, Bom Sucesso, 2615-306 Alverca do Ribatejo
Tel.: 219 576 104 | Email: cc.bomsucesso@cm-vfxira.pt

HORÁRIO:
terça-feira a domingo das 10h00 às 17h30
Encerra às segundas-feiras



Exposição de artes plásticas

AGARRO O SOL COM AS MINHAS MÃOS

DE
Guida Ferraz

13 JAN a 25 FEV'24

Centro Cultural do Bom Sucesso
Alverca do Ribatejo

ENTRADA LIVRE

QUANDO AS AVES, O SOL E AS MÃOS

Agarrando e manuseando os fios do tempo, a mostra que Guida Ferraz apresenta no Centro Cultural do Bom Sucesso, contam uma parte de uma exposição realizada na Madeira, na Galeria Espaçoamar, em 2022, "Quando as aves voavam... que solidão errante até chegar a ti!" –, onde apresentou algumas peças mais antigas produzidas no Funchal, e essencialmente obra realizada em Lisboa. O título remete ainda para iniciativas anteriores, num apego ou insistência na desconstrução de metáforas essenciais – aves ou, apenas, pássaros de silêncio que procuram em nós a nesga de céu para experienciar o voo. Metáforas inquietas, alimentadas por uma espécie de contraditório, deslocamento, dobra, entre o eu e o outro, o ponto de partida e o ponto de chegada, o tempo passado e o tempo presente.

O voo e o pouso. Ou, justapondo um aforismo do poeta Paul Celan, "Era Primavera, e as árvores voaram para os seus pássaros."

O núcleo principal da exposição "Agarro o Sol com as minhas Mãos" é constituído por cinco desenhos, de setenta centímetros por um metro, folhas de papel de grande dimensão, onde a artista desenha, pinta, cose ou borda recortes de papel; há colagens de imagens impressas, previamente tratadas digitalmente.

O desenho naturaliza-se representado sobre o suporte, de forma mais convencional, ou é materializado, apresentado, com fios vermelhos que ora atam as formas, ora caem soltos... derramados sobre o papel. Apesar dos recursos mistos alargados, a composição sobre o campo cenográfico de construção da imagem, mantém uma grande economia estética: atmosferas luminosas levemente

coloridas em torno das formas escuras das aves e suas sombras projetadas; também a sombra da artista, das flores, das árvores. Comum aos cinco desenhos, sobressai a dinâmica compositiva, operada pelo ritmo dos pássaros em voo, pelo diálogo entre eles, pelo efeito positivo/negativo; também pelo corte ou representação parcial das formas, sugerindo a ação de e saída dos elementos do espaço cénico. Há ainda efeitos de transparência e leveza, proporcionados pela mancha pictórica e adição de recortes em papel vegetal.

A linguagem plástica e iconográfica, a manipulação dos materiais e recursos técnicos, concorrem para uma forte narrativa: torrente expressiva, autobiográfica quanto ficcional e que nos traz para dentro do silêncio da linguagem, com todas as suas marcas de debate com o quotidiano; inquieta procura e partilha de afectos, despojos da vida e da morte e outros tantos separadores entre camadas de tempo e (des)construção de memória.

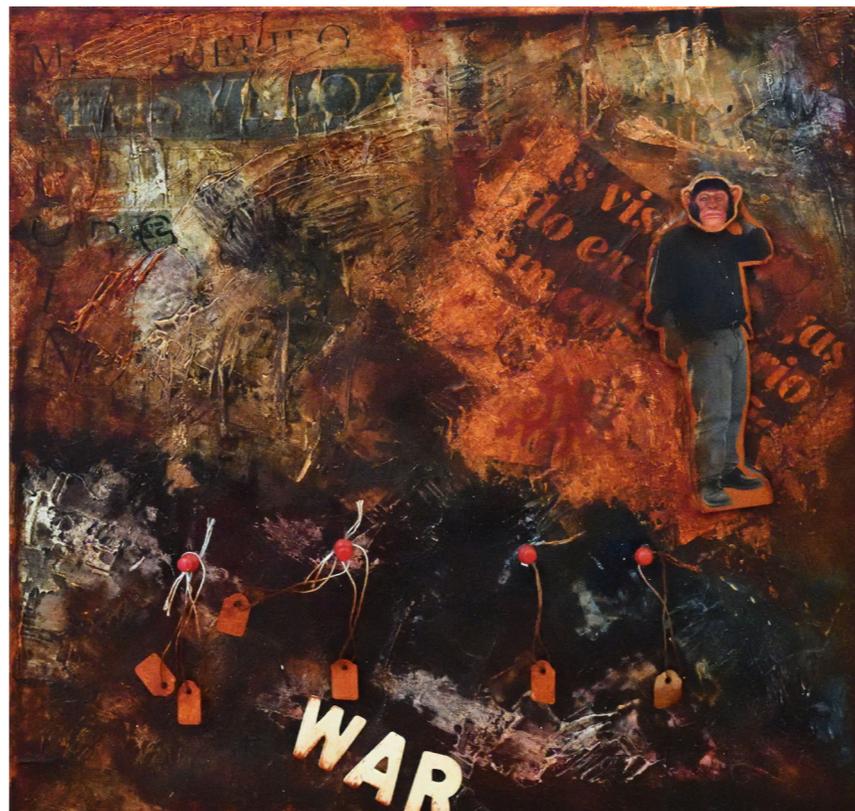
Esta exposição conta com obras mais recentes, que aportam referências anteriores e interiores, que abrem o olhar crítico para fora, para as coisas que de fora inquietam dentro, e que desde logo nos interpelam pelos títulos atribuídos: "Transformação", "Intrauterino", "Eu cá vou, de voo para..." e "War". Guida Ferraz recorre à tela como suporte e a um procedimento técnico misto, associado à densa colagem de palavras recortadas em matérias impressas.

Reabre aqui a torrente de uma fala própria, e uma escrita poética que nos remete para trabalhos mais antigos e pesquisas seminais.

Se nos reportarmos, retrospectivamente, às primeiras obras que

temos de memória, já enquanto estudante de artes e, de 1996 ao ano 2000, Guida Ferraz já coligia materiais de diferentes naturezas e origens, em processos criativos exaustivos de acumulação e depuração, associando uma expressão pessoal ao diálogo com o envolvimento e História da Arte. É um tempo de conquistas e domínio dos procedimentos técnicos e requisitos materiais exigentes, nomeadamente a utilização de suportes em madeira natural e transformada, fortes colagens/ assemblagens, de imagens

recortadas criadas por si e de objetos intervencionados, conjugando a tradicional pintura a óleo com a integração de resinas sintéticas. Trabalho oficial, propenso à presença impositiva dos meios actantes, mas onde a artista coligia e harmonizava diversos materiais e objectos em composições intensas, às quais associava também letras, palavras, textos respigados de jornais e revistas. Uma escrita que Guida dava a ver/ler de forma poético-visiva, performática e transformadora pelo contacto com os outros elemen-



1
War
Mista (óleo, colagem de frases e letras e figura em madeira de balsa)
40x40 cm
2023

2
Eu cá vou de voo para...
Mista (colagem de letras e frases de revistas, cartão)
61x46 cm
2023



3
Intrauterino
Mista (óleo, cordel, colagem de frases e bonecos de plástico)
70x50 cm
2023



tos icónicos; elementos organizados numa espécie de caixa ou em suportes recortados com formas diversas: uma chávena, um cachimbo, um relógio, uma chave.

"Agarro o Sol com as minhas Mãos", é uma exposição que faz emergir e nos dá a experienciar questões singulares, se bem que indissociáveis: procura, errância e descoberta; voo e leveza; silêncio e solidão; encontro e afecto; inquietação e resiliência ou... a teimosia como suporte de vida.

No catálogo da exposição individual de Guida Ferraz, intitulada "QUANDO EU TINHA OLHOS AZUIS", realizada na Galeria da SRTC, no Funchal, em 1997, escrevi: "Tão processual, quanto implosiva de si própria, QUANDO EU TINHA OLHOS AZUIS configura-se como a matriz de teimosos recomeços e cultivadas inquietações.

"Agarro o Sol com as minhas Mãos", é de novo, um teimoso voo, um decidido recomeço.

TERESA M. G. JARDIM